
Com a boca no mundo, *Gordofolia* problematiza preconceitos

Por Simone Carleto¹

O cenário da montagem do espetáculo do Grupo Gatos Gordos (GGG), de Jundiaí, São Paulo, traz à memória as imagens do Teatro de Revista e de alguns programas de televisão que se apropriaram desse formato. Com quadros independentes entre si, porém guardando relação quanto ao tema, o espetáculo cabe em quaisquer espaços e permite que transeuntes em espaços públicos, por exemplo, assistam a partes da obra e ainda assim divirtam-se e conheçam elementos fundamentais de seu conteúdo. De fato, o caráter revisteiro se estabelece também na dramaturgia e na encenação como um todo. Por isso, observa-se a versatilidade para a rua.

Uma grande boca emoldura a cena, que se desenvolve em um tapete centralizado que receberá praticáveis e outros elementos cênicos funcionais à apresentação. Dividida em três partes, a dramaturgia foca nas diversas formas de preconceito a partir do universo das pessoas gordas. Mas não somente. Fica explícito o posicionamento contrário dos artistas a toda forma de julgamento, que impeça os seres de expressarem suas identidades e que essa expressão seja acolhida socialmente com respeito à diversidade.

Na primeira parte, são apresentados relatos das atrizes e ator no que se refere às implicações e complicações por serem gordos. Com direção de Elena Cerântola e Paulo Cerello, André Farias, Lisete Pecoraro e Vivi Masolli relatam suas vivências e de como a relação com seus corpos gordos é encarada por

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

familiares, companheiros, amigos e até desconhecidos. Todo mundo tem um palpite ou uma dica para o gordo! Durante os relatos, a primeira camada de figurino é retirada e uma “pele” toda esquadrinhada por fitas métricas é revelada. Na segunda parte, adereços transformam o ambiente em um estúdio de programa de televisão sensacionalista. Buscando audiência às custas da exposição de “gentes diferentes”, como anões, gays e gordos, o apresentador não mede consequências para ridicularizar suas “indesejáveis convidadas”. Na terceira parte, uma entremez ou entrecena aborda questões ligadas aos relacionamentos na contemporaneidade, discutindo o lugar atribuído às aparências.

Em seguida, o processo de carnavalização é trazido para valorizar a autoestima dos intérpretes-personagens, cada qual com sua fantasia de destaque, todos juntos, formando o coro que exalta a felicidade de ser livre. Ou seja, toda e qualquer pessoa merece ser aceita e amada, como é, e como deseja ser. E cada qual com sua característica pode brilhar, sem que para isso necessite ofuscar alguém ou determinadas perspectivas diferentes das suas.

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.